

UMA ABORDAGEM DOS SENTIDOS ESPIRITUAIS EM SANTO ANTÓNIO

Teresa Santos^(*)

Helena Costa^(**)

Resumo: Refere-se que a pastoral antoniana, decorrente da caridade, se articula com o exercício de apuramento dos sentidos espirituais e correlativamente com o exercício de desapego dos sentidos físicos. Todavia o movimento ascético implícito na purificação dos sentidos espirituais não se abstrai da presença exigente da comunidade nem se condensa em normas éticas impositivas, mas transfere-se para a vivência vitalizadora da pastoral cristã.

Palavras-chave: pastoral antoniana, sentidos espirituais; caridade; encarnação.

I. A funcionalidade dos sentidos

Uma das finalidades dos sermões antonianos, tomados como peças de retórica espiritual, consiste em apresentar normas para uma conduta moral, tendo em vista a necessidade de orientar o ser humano na passagem por este mundo em direcção ao reino dos céus. A decisão de aderir a uma conduta moral e a persistência de nela se manter é de ordem individual, assim como a experimentação de cada momento ascético é singular e pessoal. Este acento na subjectividade não remete para uma antropologia egótica nem pressupõe uma separação entre o Criador e a sua criatura, mundividência que deixaria a criatura entregue a si mesma sem o conforto interior do amparo crístico. Ao contrário, Santo António reforça a efectividade da condição filial pressuposta na onnipresença divina. O sermão da «Invenção da Santa Cruz» é bem ilustrativo do vínculo presencial:

“Nesta terra estão postos os olhos do Senhor, os olhares da graça divina, desde o princípio da conversão até ao fim da última incineração”⁽¹⁾.

(*1) Universidade de Évora/CIDEHUS

(*2) Mestranda na Universidade do Porto

(1) S. II, 890: *“In hac terra sunt oculi Domini, idest respectus divinae gratiae, a principio conversionis usque ad finem ultimae incinerationis”*.

A certeza da omnipresença divina e do zelo permanente proporcionam o ambiente favorável à ascese, tornando-se evidente a presença do amor em detrimento do temor, seja do julgamento seja do castigo. Admite-se que da certeza do cuidado de Deus para com suas criaturas decorra o ânimo necessário à progressão e à satisfação da aceitação das normas de conduta moral. Todavia a ascética antoniana não se fixa no quadro do psicologismo comportamental pró-activo e recompensatório, como os termos 'ânimo' e 'satisfação' podem sugerir à luz duma leitura actual, nem a apresentação de normas de conduta moral corresponde à disponibilização de um guião de desempenho ascético, no quadro de uma lógica calculista e pontual. Efectivamente a anuência a uma interpretação imediata da progressão espiritual do ser humano ignora o regime diferencial implícito.

É na continuação da passagem acima citada, quando recorre ao veterotestamentário livro de Job (XXV, 6), que se evidencia esse regime diferencial da ascética antoniana:

"Neste céu está o filho do homem, verme, humilde, que se reputa verme e filho de verme. Dele escreve Job: O homem é podridão e o filho do homem um verme, quer dizer, podridão de podridão. O humilde considera-se podridão. (...) Tal indivíduo vive em pureza de ânimo no sobredito céu, desce do céu por compaixão do próximo, sobe ao céu com a elevação do espírito. E ninguém mais o pode fazer, porque nenhum soberbo ali sobe. Deus resiste aos soberbos e dá a sua graça aos humildes"⁽²⁾.

Causa impacto a conjugação dos termos 'verme' e 'podridão' com 'céu' e o movimento de subida e descida do céu. Literalmente, esta passagem do sermão recorda a dualidade da estrutura antropológica – matéria ('verme') e espírito ('vive no céu') – e, ainda, adverte para a insubtraível sujeição do ser humano ao efeito desgastante do curso temporal e à inculcada natureza pecaminosa, condições expressas no termo "podridão". Porém 'verme' e 'podridão' reforçam um dos pilares

Note-se que todas as citações dos sermões tomarão por referência a seguinte edição: Santo António de Lisboa, Doutor Evangélico, *Obras Completas. Sermões Dominicais e Festivos*, 2 Vols., ed. bilingue – Latim e Português, Introdução e Tradução de Henrique Pinto Rema, Porto, Lello e Irmão editores, 1987. O algarismo romano indica o volume e o árabe, a página.

(2) S. II, 890-891: *"In hoc caelo est filius hominis, idest vermis, idest humilis, qui se vermem et filium vermis reputat, de quo Iob XXV: Homo putredo et filius hominis vermis, idest putredo de putredine. Humilis se putredinem existinat. (...) Iste talis est in supradicto caelo animi puritate, descendit de caelo proximi compassionem, ascendit in caelum mentis elevationem; et nemo alius, quia nullus superbus. Superbis enim Deus resistit, humilibus autem dat gratiam. Amen"*.

de sustentação da ascese, precisamente a humildade. Nada mais desvalorizado que a condição rastejante do invertebrado e nada mais repugnante que aquilo que se encontra em estado de putrefacção, já fétido e deformado. O outro pilar é a compaixão vivificante da vinculação comunitária do ser humano expressa no movimento de descida do céu, referência à força vinculativa do ser humano à comunidade, salvaguardando-se assim a referência aos valores cristãos da personalidade e da encarnação. Por conseguinte, a ascética não é um processo de escalada linear e calculada por graus, para exercitação da expansão da dimensão interior. Tão-pouco é uma irreversível entrega contemplativa que despreza a vida da fraternidade comunitária. Em oposição, a ascética indica um regime diferencial de vivência humana, sentiente do mistério⁽³⁾ e difusiva do amor caritativo. Em vez de um caminhar metodológico que passo a passo leva ao distanciamento dos demais, a ascese efectiva-se na vivência da humildade e compaixão caritativa, ou seja, no momento da extinção da volição egótica. Neste sentido, a ascese configura-se como propulsão imediata energizada pelo amor.

Em Santo António a maximização do descentramento de si mesmo expressa-se no amor devido à criatura humana, às demais criaturas e à natureza em geral. Só se ama Deus quando se ama simultânea e indiferenciadamente toda a sua obra, posto que a obra da criação representa e concretiza o acto do amor de Deus⁽⁴⁾. Considerar o maravilhamento estético da obra remete, por associação, para seu criador, tal como esclarece o santo português:

"A obra do Senhor é a sua criação, que, bem considerada, leva o que examina à consideração do seu Criador. Se tanta beleza há na criatura, quanta existe no Criador? A sabedoria do artista resplende na matéria"⁽⁵⁾.

A consideração não desencadeia uma mera operação noética, de tipo especulativo, reveladora quer da sabedoria do criador quer dos modelos eidéticos das coisas belas. Na linha da tradição franciscana, despida de sentido possessivo, a consideração suporta-se numa vital, genuína e gostosa fruição estética que desper-

(3) *"A hermenêutica antoniana autodelimita-se ao tocar o Mistério que já não pode captar, o indivisível que apenas se aproxima de longe, na humilde e humana tentativa de o simbolizar"*. PACHECO, Maria Cândida. *Santo António de Lisboa, A Águia e a Treva*, Porto, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986, p. 60.

(4) Sobre o amor à natureza e a todas as criaturas consultar M. C. Pacheco, *Da Ciência da Escritura ao Livro da Natureza, Santo António de Lisboa: da ciência da escritura ao livro da natureza*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997, pp. 218 – 221.

(5) S. II, 445 – 446: *"Opus Domini, creatio; quae, bene considerata, suum inspectorem transmittit ad sui Creatoris considerationem. Si tanta pulchritudo in creatura, quanto est in Creatore? Opificis sapientia resplendet in materia"*.

ta para a simbologia amorosa da criação e para o significado ôntico das criaturas. A obra da criação não é prioritariamente um livro aberto à racionalização do poder e transcendência do Criador⁽⁶⁾ mas a superior manifestação do amor criacionista, pelo que a 'consideração' referida no sermão antoniano corresponde à meditação experiencial da relação amorosa com cada criatura, através da qual resplandece difusivamente a sabedoria amorosa do Criador. No esquema metafísico da semelhança⁽⁷⁾, para considerar e contemplar o que nessas coisas está oculto, basta permanecer no mundo das coisas criadas, num regime de amorosidade fraternal inconfundível com adesões panteístas.

A biografia mística de Santo António exemplifica bem a fraternidade franciscana e as possibilidades experienciais dos sentidos físicos, não tanto na função activa de estimuladores⁽⁸⁾ mas na passividade receptiva de percepções do mundo espiritual, plasmadas em vozes e imagens. A fulcralidade desta mística está na percepção super-sensorial, ou alterada, propiciadora de aventuras espirituais intensas e espontâneas que materializam infantilmente o divino, tal como veicula a crença do santo taumaturgo ter segurado o Menino Jesus ao colo. Na medida em que o conhecimento que vê Deus nas criaturas se realiza por intermédio dos sentidos físicos, por um lado, e, por outro, dado o reconhecimento da potenciação receptiva dos sentidos, valoriza-se a autêntica unidade do ser humano, desagravando o separatismo instalado na relação corpo-espírito e rejeitando a indiferença ao mundo fenomenal.

A vida sensitiva e a experiência sensorial também são expressão do dinamismo criacionista, pelo que a mística antoniana se particulariza na vivência amorosa 'sentiente' que, como escreve Maria Cândida Pacheco, se abre à "meta-racionalidade"⁽⁹⁾ humana, sendo impossível seccioná-la metodologicamente e aferi-la intelectualmente.

Coloca-se a questão de saber como intensificar as potencialidades receptivas dos sentidos corporais ou como transmutá-los para evitar a entrada do pecado, distorcivo e desordenador. Estando a alma subjugada aos sentidos do corpo, o prazer que eles propiciam tem que ser elucidado pela razão, sujeitando a sensualidade à compunção do coração. Todavia a razão não é uma actividade gnoseológica superadora do negativo sensorial, o que levaria a admitir uma ascética de cálculo mental, algo incompatível com os textos antonianos. A razão, presente no ser humano, ma-

(6) Importa acrescentar que não se nega ou desconfia do poder da razão, tal como não se impõem regras para o exercício racional rigoroso. O amor, a exemplo de S. Francisco, é determinante em Santo António quando se tem a fé como referência preferencial.

(7) Cf. M. C. Pacheco, *A Águia e a Treva*, p. 46.

(8) O sentido é o estímulo do entendimento servindo de intermediário entre o corpo e a alma: "*Sensus est per corpus ad animam commens mensuris stimulat*". (cf. o sermão do XVII Domingo depois de Pentecostes)

(9) Ver M. C. Pacheco, *A Águia e a Treva*, p. 62.

nifesta privilegiadamente a similitude com Deus e como tal é uma actividade espiritual excelente. Leia-se a seguinte transcrição:

"Senhor, a luz do teu rosto, a luz da graça, que estabelece em nós a tua imagem e nos torna semelhantes a ti, está gravada em nós, isto é, impressa na razão, faculdade superior da alma. Por ela somos semelhantes a Deus, nela está impressa aquela luz, como selo em cera"⁽¹⁰⁾.

Imagem do rosto de Deus, a inteligibilidade racional pode discernir normas com valor universal para ordenar e potenciar a percepção. Segundo Santo António, o pecado mortal entra na alma pelos sentidos corpóreos e dela apenas pode sair através da penitência.

Por similitude, a par dos sentidos corporais existem os espirituais. É com base numa similitude funcional entre ambos que se pode falar de uma ascética de adaptação dos sentidos espirituais a instâncias alargadas de consciência mediante um processo purificador ou de sintonização com a vontade ordenada. Trata-se de um exercício que se integra na prospecção da vida interior, conjugando o sentir purificado com o querer ordenado⁽¹¹⁾ e pressupondo uma praxis pedagógica que ensina o ser humano a principiar⁽¹²⁾ o verdadeiro caminho pelo qual deve enveredar de modo a perceber a luz difusiva do amor de Cristo. Este exercício é uma actividade noética e volitiva⁽¹³⁾ essencial ao ser humano se for integrado na vida, sendo acessí-

(10) S. II, 367: "*O Domine, lumen vultus tui, idest lumen gratiae, qua reformatur imago tua in nobis, qua tibi simile summes, est signatum super nos, idest impressum rationi, quae est superior vis animae, qua Deo similes summus, cui impressum est illud lumen, ut sigillum cerae*".

(11) Neste sentido é acompanhada de uma ascética moral. A nossa leitura tomou, sem contestar, um rumo diferente da de Francisco da Gama Caeiro. Por conseguinte não faz sentido corroborar ou discordar da seguinte afirmação: [existe] "*uma primeira fase ascética, espécie de conquista da felicidade suprema, e visa imediatamente o aperfeiçoamento moral do homem, a sua elevação progressiva até que ele, na semelhança e imagem de Deus, reflecta, o mais altamente possível, os próprios atributos divinos e elimine as imperfeições que o abstém ao contacto de face a face que pode ter na visão gloriosa, finda a peregrinação terrena*". (cf. Francisco da Gama Caeiro, *Santo António de Lisboa, Introdução ao Estudo da Obra Antoniana*, Vol. I, Lisboa, Ed. do Autor, 1967, p. 281).

(12) Veja-se a alusão de Henrique Pinto Rema aos três estádios de aperfeiçoamento espiritual na Introdução aos sermões (SANTO ANTÓNIO DE LISBOA, Doutor Evangélico, *Obras Completas*, Sermões Dominicais e Festivos, 1.º Vol., Porto, Lello e Irmão Editores, 1987, LXXIX).

(13) É pela capacidade cognitiva da alma que o ser humano se vê implicado no processo de ascese espiritual. Criado à imagem de Deus pode e deve alimentar a esperança de vir a conhecer a essência de Deus (cf. M. Couraceiro, *Sensus et Ratio, Para um Estudo do Pensamento Gnoseológico em Santo António de Lisboa*, Porto, 1994, pp. 83-86 [Dissertação policopiada de Mestrado em Filosofia Medieval, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]). O conhecimento da verdade alcança-se nas relações do espírito do ser humano com o seu corpo, em acção conjunta dos sentidos espirituais e da inteligência. O corpo é que estimula a alma mas é a alma que obriga os sentidos à subordinação. A alma mostra-se activa, enquanto o corpo, depois de contribuir para a estimulação da mente, está completamente passivo. A estimulação da mente faz com que esta tenha a iluminação do que superiormente viu de semelhante a si, ou seja, Deus. É esta acção da alma que mostra o conhecimento da realidade divina e garante ao ser humano a possibilidade de se realizar como *imago-dei*.